

Editorial

Leitura de produções audiovisuais

É com imensa alegria que concluímos, em 2015, o segundo ano da Revista GEARTE, divulgando a produção de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que enfocam as relações entre educação, arte, linguagem e tecnologia em diálogo com diferentes aportes teóricos. Nesse ano a temática leitura visual perpassou os três números da Revista enfocando leituras de produções da arte, da mídia e do cotidiano; leitura visual e educação estética e, agora, leitura de produções audiovisuais.

O processo de globalização, intensificado durante o século XXI pela presença de um mundo conectado pela internet, propiciou a aproximação de pessoas e culturas de diversos lugares do planeta e o surgimento de novos modos de ver e ler os discursos gerados pelas interações na contemporaneidade. Esse panorama global intensifica a emergência de introduzir, tão cedo quanto possível, no cotidiano do estudante, “uma concepção de leitura baseada em processos de atribuição de significados, para a apreensão dos discursos do universo erigido na complexidade” da atualidade (PANOZZO, 2007, p. 29). Nesse contexto, a discussão se volta para as funções da educação e da tecnologia no século XXI.

O que ensinar, como ensinar e o que aprender? Que ensinamentos poderemos obter ao explorar os recursos que as tecnologias contemporâneas nos disponibilizam? Tratando-se das produções audiovisuais, à medida que elas começaram a ser desenvolvidas com suporte digital, aparece não somente um universo de possibilidades expressivas como novos autores, pois alunos do ensino básico ao superior passam a ser produtores de vídeos. Essa atratividade pelo recurso audiovisual é bem elucidada por Ángel Rodriguez.

A comunicação audiovisual é a técnica de iludir mais complexa, mais extraordinária e mais verossímil que se conseguiu ao longo da história da

humanidade. Sua linguagem trabalha com a própria essência perceptiva da realidade, capturando as informações sensoriais que emanam dos objetos para com elas compor narrações que nos fazem ouvir e ver coisas que não existem naquele momento e lugar, que talvez não existiram nem jamais existirão, mas que percebemos como se fossem a própria realidade. Esse fenômeno é de tal alcance humano, social e científico que ultrapassa violentamente os problemas da engenharia que o suporte tecnológico lhes fornece. (RODRIGUEZ, 2006, p. 13).

Incorporar as tecnologias contemporâneas nos processos educativos não significa rejeitar métodos tradicionais de ensino, pelo contrário, um dos eixos centrais da educação pressupõe as possibilidades de dialogar com as linguagens já bem conhecidas pelos educadores. A ideia de adição faz lembrar as palavras de Lucia Santaella (informação verbal) no Palco de Debates, da Jornada Literária de 2009, em Passo Fundo (RS):

A evolução da linguagem não é estilhaçada, tem uma sequência que devemos entender. A história confirma que as linguagens não são excluídas e sim somadas, e quanto mais híbridas mais ricas ficam. Vivemos na sincronia de seis culturas: oral, escrita, impressa, de massas, das mídias e digital. (Lucia Santaella)¹.

Os cineastas Octavio Getino e Newton Cannito, assim como os educadores Dino Pancani e Alina Frapiccini², também manifestam suas preocupações com a necessidade de o sujeito desenvolver alfabetizações múltiplas. Getino³ diz que compete ao Estado gerar políticas e programas para incorporar uma educação crítica do audiovisual, pois, se a nova geração obtiver uma consciência mais crítica do que está consumindo, terá a liberdade de escolha para optar pelo que gosta a partir do que conhece. O que acontece agora, conforme o autor, é que “a criança consome sem ter uma formação prévia do que é linguagem”, do que compreende a alfabetização audiovisual. E Cannito⁴ completa as ideias de Getino, observando que:

¹ Palestra proferida no Palco de Debates, ocorrido na 13ª Jornada Literária de Passo Fundo-RS, out., 2009.

² Entrevista concedida no documentário Ctrl-V – VideoControl dirigido por Leonardo Brant. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J1NFgPWCctI>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*.

A gente fala muito da democratização da tecnologia, da democratização da possibilidade de ter uma câmera, da democratização da possibilidade de postar um vídeo. A gente fala pouco da democratização conceitual. A gente tem que formar as pessoas conceitualmente. Hoje em dia é muito mais difícil uma pessoa ter realmente talento de expressar a linguagem, de conhecer a linguagem tanto escrita quanto oral, quando audiovisual, do que a pessoa realmente ter acesso ao equipamento [...] significa estudar o movimento estético [...] o limite agora não é mais tecnológico, o limite é o cérebro do ser humano.

Para o educador Pancani⁵, quando falamos de alfabetização, “estamos falando de entregar ferramentas a um ser humano, a uma pessoa, a uma criança para que possa discernir, para que possa ser mais livre, para que possa ser mais crítica com o que o mercado [...] lhe propõe”. E Frapiccini⁶ questiona: “dizemos que temos que alfabetizar porque é uma questão estética, ética e política, não?”

O consumo midiático com conhecimento torna-se um importante instrumento para a educação em todos os níveis, não somente para facilitar a compreensão dos conteúdos, mas para a avaliação, interpretação e “refinamento” do gosto do educando (HAMZE, 2002). Portanto, se quisermos nos imbuir na tarefa de contribuir para provocar transformações na educação que correspondam às expectativas da sociedade atual, principalmente dos jovens, o caminho não é outro senão transitar pelas experiências da transversalidade, numa direção próxima à situada por Barbosa:

Arte como disciplina transversal, atravessando todo o currículo, aproxima-se do que Herbert Read queria dizer em seu livro *Educação através da arte*. Ele falava de arte como um elemento humano agregador que, interpretando outras disciplinas, facilita a aprendizagem pela qualidade cognitiva dos gestos, do som, do movimento e da imagem. (BARBOSA, 2008, p. 25).

Barbosa diz que, hoje, James Catteral, sessenta anos depois de Herbert Read, enfatiza a arte como estimuladora do conhecimento de outras disciplinas como a História, a Matemática, o Português, o Inglês, entre outros.

Imbuído desse espírito de conhecer e compreender os estudos e as práticas que vêm sendo desenvolvidos com aporte da linguagem audiovisual, é

⁵ *Ibidem.*

⁶ *Ibidem.*

que este número da revista GEARTE, organizado pelas professoras Analice Dutra Pillar, Maria Helena Wagner Rossi e Marion Divério Faria Pozzi, reúne textos de pesquisadores e estudiosos que enfocam as relações das Artes e do ensino com a leitura de produções audiovisuais entrelaçadas com outros campos do conhecimento.

Yvana Fechine, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no texto *Enunciado audiovisual em ato: o caso das videoinstalações* propõe a leitura de uma produção de Gary Hills em arte eletrônica, a videoinstalação *Standing Apart/ Facing Faces*. Constrói uma abordagem semiótica à luz da teoria da enunciação, destacando que instalações dessa natureza são exemplos privilegiados de enunciado *em ato*. Trata de um tipo de enunciado que *se faz* no momento em que destinador e destinatário da comunicação interagem por meio do aparato de projeção proposto pelo artista. Contextualiza o ato de enunciação e interação entre enunciador e enunciatário por meio de uma experiência estética – percepção através dos sentidos –, isto é, o que geralmente se traduz em uma proposta de vivência plurissensorial. A autora busca referencial no desenvolvimento da “semiótica das situações”, de Eric Landowski, que se define como uma “semiotização do contexto” e das interações que nele se dão, como discurso. O artigo explora assim, a problematização da situação interacional como um elemento chave na produção de sentido.

Em *Movimento autopromocional no âmbito da televisão no país*, Maria Lília Dias de Castro, professora e pesquisadora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) examina as diferentes estratégias utilizadas em produções autopromocionais utilizadas pela emissora Rede Globo de Televisão, por ocasião do lançamento da telenovela *Joia Rara*. A autora embasa o trabalho articulando o conceito de interação social de Bakhtin (para dar conta da abrangência da situação comunicativa), com o de estrutura narrativa de Greimas (para investigar o texto). Tece relações entre os planos paratextual e intertextual para analisar a forma como a emissora propõe o contrato comunicativo com seu público e desenvolve ações autopromocionais de divulgação desse produto. No plano paratextual examina o entorno social, econômico, político e cultural de

atuação da empresa. E no plano intertextual faz o exame das relações do texto em análise com outros textos da grade de programação. As estratégias utilizadas pela emissora, muito bem discutidas pela autora, colocam em evidência sua promocionalidade e autopromocionalidade.

A leitura de um filme de animação é o foco do artigo *Fraturas e escapatórias em Ratatouille*, de Ruth Rejane Perleberg Lerm, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Analice Dutra Pillar, professora e pesquisadora da UFRGS. Com base na obra “Da Imperfeição” de Greimas, importante marco na teoria semiótica por abordar a dimensão sensível da significação através da experiência estética, as autoras analisam as fraturas e escapatórias no filme “Ratatouille”, uma produção da Pixar Animation Studios realizada em parceria com a Walt Disney Pictures. Fraturas como experiências estéticas advindas de encontros sensoriais inesperados e efêmeros; e escapatórias relacionadas à experiência como algo construído sujeito. O trabalho enfoca, em especial, as escapatórias provocadas pela personagem Remy e a fratura ocorrida na cotidianidade de outra personagem, Anton Ego. Ao tratar as fraturas e escapatórias em situações apresentadas no filme, o texto busca convidar alunos e professores a provocarem rupturas no cotidiano da sala de aula.

Em *Alfabetização Audiovisual e Pedagogia das imagens*, Juliana Costa, mestrande do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, e Maria Carmen Silveira Barbosa, professora e pesquisadora da UFRGS, refletem sobre uma intervenção realizada em uma escola da rede pública de ensino da cidade de Porto Alegre (RS), na disciplina de Arte, em que foi proposto aos alunos do ensino fundamental um processo de reflexão acerca da alfabetização audiovisual, justificada pela massiva presença da mídia digital no nosso cotidiano. As ações possibilitaram aos alunos o acesso a obras cinematográficas, exibição de exercícios com imagens e produção de vídeos em sala de aula, integrando abordagens múltiplas em relação aos diferentes caminhos que se pode percorrer tendo o cinema como temática e como expressão. A questão de pesquisa foi de que maneira os estudantes se

apropriam dos modos de fazer do cinema, ao estabelecerem um diálogo entre as imagens em movimento dos filmes exibidos e as imagens filmadas por eles. Esta proposta pedagógica integra-se às atividades do Programa de Alfabetização Audiovisual coordenado por Maria Carmen Barbosa e Maria Angélica dos Santos.

Ricard Huerta, professor e pesquisador da Universidade de Valência, Espanha, no texto *A capacidade de uma batalhadora de impulsionar o ensino da arte na América Latina*, nos brinda com uma leitura da obra *Redesenhando o desenho: educadores, política e história* de Ana Mae Barbosa. Destaca as lutas e os avanços alcançados pela autora, durante mais de cinco décadas, no cenário nacional e internacional, para dignificar e promover o ensino da arte em programas e políticas educacionais. Enfatiza que Ana Mae estrutura esse impressionante trabalho em períodos históricos e reclama um papel relevante para o ensino da arte no Brasil. O texto da autora é rico em discussões que trazem para seu escopo importantes autores, como Theodoro Braga, representando a virada industrial do início do século XX; Cecília Meireles e Edgar Sussekind de Mendonça, representando a virada modernista, influenciados por autores americanos como John Dewey, Viktor Lowenfeld e ingleses como Marion Richardson e Herbert Read. Na primeira metade do século XX, destaca o trabalho de várias personalidades ibero-americanas que influenciaram o ensino da arte desse período. Huerta enfatiza a articulação feita por Ana Mae Barbosa ao mesclar um exercício de memória histórica com a necessária reflexão crítica que vê o presente e se projeta nas possibilidades de futuro.

No artigo *Abordagem Triangular: leitura de imagens de diferentes códigos estéticos e culturais*, Fernando Antônio Gonçalves de Azevedo, professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco e Clarissa Martins de Araújo, professora da Universidade Federal de Pernambuco, discutem a Abordagem Triangular como teoria de interpretação do universo das artes e culturas visuais filiada à teoria pós-colonialista. Tecem considerações sobre a Abordagem Triangular, proposta por Ana Mae Barbosa, sob quatro enfoques: como uma teoria aberta, não linear e em constante reelaboração; filiada à teoria pós-colonial,

ressaltando que as dimensões estética e cultural são indissociáveis e que ambas são políticas; numa versão da história da Abordagem Triangular ao autores destacam as transformações que essa teoria provocou no campo da arte/educação; e, por fim, observam que a Abordagem Triangular provocou uma virada na arte/educação, uma torção mais específica nas artes e culturas visuais e, também, no campo da arte/educação nacional, ao defender a descolonização e propor a democratização da arte, seu ensino e sua história como direito de todos.

O Ensaio Visual *Escolinha de Arte de São Paulo: março de 1968 a junho de 1971. Segundo Capítulo: Situação/estímulo aberta*, de Ana Mae Barbosa, professora e pesquisadora da Universidade de São Paulo e da Universidade Anhembi Morumbi, e Sidney Peterson Ferreira de Lima, pesquisador independente, dá continuidade ao primeiro capítulo, publicado no número anterior da Revista GEARTE, enfocando, agora, propostas de trabalho realizadas na Escolinha de Arte de São Paulo, criadas a partir da necessidade de melhorar e desestereotipar a expressão da criança, bem como provocar novas construções visuais, a partir da realidade circundante. Traz imagens instigantes de produções realizadas por crianças a partir de situações que operam com o conceito de arte expandido para diferentes mídias visuais.

Por fim, queremos agradecer aos autores que participam deste número da Revista, pelos textos que instigam diferentes leituras de produções audiovisuais; a Ana Mae Barbosa e ao Sidney Peterson Ferreira de Lima, pelo ensaio visual que provoca nossa curiosidade para conhecer o próximo capítulo; aos avaliadores, tradutores e revisores; às organizadoras; a Umbelina Barreto pela linda capa; e a toda equipe da Revista.

Boa leitura!

Analice Dutra Pillar (Editora-Chefe)

Maria Helena Wagner Rossi (Editora-Associada)

Marion Divério Faria Pozzi
(Organizadoras)

Referências

BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian. (Orgs.). *Interterritorialidade: mídias, contextos e educação*. São Paulo: SENAC SP; SESCSP, 2008.

Ctrl-V – VideoControl. Produção de Leonardo Brant. [S.l.], 2011. (54 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=J1NFgPWCctI>>. Acesso em: 07 nov. 2015.

HAMZE, Amelia. Linguagem audiovisual e a educação. [S.l.]: *Canal do Educador*, 2002. Disponível em: <<http://educador.brasilecola.com/gestao-educacional/linguagem.htm>>. Acesso em: 7 nov. 2015.

PANOZZO, Neiva S. P. *Leitura no entrelaçamento de linguagens: literatura infantil, processo educativo e mediação*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RODRIGUEZ, Ángel. *A dimensão sonora da linguagem audiovisual*. Tradução Rosângela Dantas. São Paulo: SENAC, 2006. Tradução do original: *La dimensión sonora del lenguaje audiovisual*.